

Povos Indígenas no Brasil

Fonte OESP Class.: 174
 Data 12/07/93 Pg.: 2

O desmatamento da Amazônia

JOSÉ GOLDEMBERG

Cientistas da Nasa acabam de divulgar o resultado dos levantamentos do desmatamento da Amazônia feitos por satélite entre 1977 e 1988, que confirmam não só os resultados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), como também a metodologia usada pelos brasileiros.

A conclusão que decorre dos dois estudos é que a devastação na Amazônia brasileira foi superestimada. Ela é hoje da ordem de 1 milhão de hectares ao ano, e nunca foi tão elevada como pretendiam os alarmistas da década dos 80, que chegaram a divulgar números tão elevados como 8 milhões de hectares/ano. Estes números foram baseados numa mistura de "queimadas" (que ocorrem todos os anos) e derruba-



da de floresta virgem, que é o que realmente conta como devastação.

Mesmo após a publicação dos resultados da Nasa, alguns ambientalistas ainda insistem nos velhos números, que foram incorporados até pela Organização de Alimentos e Agricultura (FAO) da ONU. Esta posição é claramente política, já que não se baseia nos dados reais. O mesmo ocorreu com as manifestações contra a "devastação" da Amazônia na década dos 80, conduzidas por certas organizações internacionais que divulgavam com entusiasmo números elevados e incorretos dessa "devastação".

Qual é a motivação dessas organizações em se lançar numa campanha que trouxe sérios embaraços ao País?

Ao que parece, os motivos são os seguintes:

■ Para os governos dos países industrializados da Europa e dos EUA — que são os principais emissores de poluentes na atmosfera, principalmente dióxido de carbono — seria ótimo se pudessem demonstrar que o desmata-

mento da Amazônia contribui mais para essas emissões do que eles. Em certa ocasião, divulgaram-se números que indicavam que o Brasil estaria contribuindo com 10% das emissões mundiais de carbono, mais, portanto, que os EUA. Exagerar o desmatamento da Amazônia "transferiria" a culpa pelas emissões dos "ricos" para os "pobres", eximindo os ricos de assumir suas responsabilidades. Certas organizações não governamentais muito próximas dos governos dos países industrializados apoiaram esta tentativa.

■ A alguns ambientalistas europeus e americanos, não ligados aos governos, o desmatamento da Amazônia oferecia uma excelente bandeira de luta, já que se juntava aos problemas com os indígenas naquela região. Por mais bem-intencionados que fossem esses ambientalistas, exagerar na devastação da Amazônia facilitava seu trabalho de conscientização e propaganda.

A obtenção de dados objetivos pelo Inpe a partir de 1990 — que indicaram

que a taxa anual da destruição da floresta estava se reduzindo — provocou a reação desses dois grupos, que se viram privados de suas bandeiras. Sua reação foi tentar desacreditar os dados obtidos pelo Inpe, estratégia que acabou de ser demolida pela confirmação de seus resultados pela Nasa.

Ninguém pode manifestar satisfação por ver 1 milhão de hectares de floresta virgem ser abatido todos os anos na Amazônia brasileira, e maiores esforços deverão ser feitos para reduzir ainda mais esse desmatamento. Isso, porém, só vai ocorrer se forem cuidadosamente selecionadas as áreas possíveis de exploração comercial naquela região — contrariamente ao que aconteceu no passado. Mais ainda se esta exploração for feita com características que lhe garantam a sustentabilidade. Caso contrário, perderão todos os donos das terras e o País.

■ José Goldemberg foi reitor da USP, secretário nacional da Ciência e Tecnologia e ministro da Educação